

Discurso proferido no Plenário do Senado Federal por Marina Silva (PT-AC) em 25/04/2000.

Assunto: Indignação diante incidentes festa 500 anos na Bahia.

A SR^a MARINA SILVA (Bloco/PT – AC. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) - Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, todos os meios de comunicação veicularam, de forma bastante competente, os fatos ocorridos em Porto Seguro e Coroa Vermelha. Todavia, como alguém que participou de toda a comemoração, sinto-me na obrigação de fazer um registro nesta Casa acerca do que ouvi, vi e senti nos 500 anos de casa grande e senzala do nosso País. Desloquei-me até Porto Seguro no dia 20 do corrente, onde cheguei às dezesseis horas. Dirigi-me ao local antecipadamente, porque gostaria de participar da assembléia indígena, que iria encerrar seus trabalhos no dia 21 de abril. À noite, tive a oportunidade de comparecer ao toré, bonita festa indígena realizada por eles e, no dia seguinte, participei da assembléia durante todo o dia. Eu pretendia retornar na madrugada do dia 22, uma vez que não havia vôo para cá nos outros dias. Entretanto, o Presidente do meu Partido, Deputado José Dirceu, a companheira Sônia Hipólipo e os companheiros do Cimi, entre eles o Saulo, bem como os Bispos D. Franco, D. Tomás Balduino e D. Heriberto, do Tocantins, admoestaram-me a ficar, porque o clima de tensão era muito forte em Porto Seguro e havia forte pressão policial, na tentativa de reprimir, a qualquer custo, as manifestações na Praça da Pitangueira, em Porto Seguro, caso os movimentos tentassem ali chegar.

Também existia toda uma contenda criada por um negociador do Governo, Sr. Marcelo Cordeiro, que queria, de qualquer forma, que um grupo de 20 índios se comprometesse a apresentar um documento para uma conversa com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, proposta essa rechaçada pela maioria da assembléia indígena, o que fez com que um pequeno grupo se retirasse dela, dizendo que fariam um documento paralelo para entregar ao Presidente no dia 22.

Tive a oportunidade de conversar com esse grupo durante o dia, dizendo a eles que todos respeitavam sua posição de querer conversar com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, apesar de que o documento final ainda não estivesse pronto. Contudo, tendo em vista que os índios tinham decidido fazer a marcha até a Praça das Pitangueiras, era importante que, nesses 500 anos de resistência, não se quebrasse o elo da corrente naquele momento, ficando uma parte dos índios sem participar da marcha.

Ao final da tarde do dia 21, os índios concordaram em que todos iriam até a Praça das Pitangueiras. No início da tarde, por intermédio do Presidente José Dirceu, fizemos vários contatos com o Sr. Marcelo Cordeiro, com o Governador César Borges, com o Comandante Santana, da PM, para que eles compreendessem que os 500 anos eram uma festa do povo brasileiro cheia de sentidos. Alguns iriam a Porto Seguro e a Coroa Vermelha para comemorar, para festejar, para tomar champanhe ou cachaça em taças de cristais, brindando, talvez, os 500 anos de casa grande sobre a senzala. Outros queriam mostrar outra face do Brasil, talvez bem mais real do que as caravelas que não conseguiram ser empurradas pelos ventos de uma democracia que não existe.

O tempo todo, buscamos o diálogo. Decidi ficar. Por volta das dez horas da noite, nós nos deslocamos até o Comando da PM. Lá, o Deputado José Dirceu, a Deputada Estadual Alice, do PC do B, o Deputado Haroldo Lima, os Bispos D. Franco, D. Heriberto e D. Tomás Balduino, um Deputado Estadual do PT e eu conversamos longamente com o Comandante Santana. Dissemos que o clima era de desrespeito à democracia, que a nossa Constituição havia sido rasgada, que as pessoas estavam impedidas no seu direito de ir e vir, porque, em Eunápolis, havia mais de vinte ônibus retidos e uma imensa fila, na estrada, de carros de particulares, de caminhões, de táxis que não podiam chegar até Porto Seguro. Mesmo as pessoas que moravam em Porto Seguro e em Coroa Vermelha não estavam conseguindo chegar às suas cidades, às suas casas. E queríamos que essas pessoas fossem liberadas. O Comandante nos disse que ninguém estava sendo retido; que apenas estava sendo feita uma revista, sendo que logo depois as pessoas seriam liberadas normalmente.

Depois de muita conversa, percebendo que não havia nenhuma disposição de negociação por parte dos que se diziam representantes do Governo e por parte do Comando, na pessoa do Comandante Santana, resolvemos sair do Comando da Polícia Militar situado em Porto Seguro. Juntamente com D. Franco, fui à Polícia Rodoviária. Indagamos se estava sendo normal o fluxo de veículos na estrada que dava acesso a Porto Seguro. Ele disse: "Senadora, este assunto não é responsabilidade da Polícia Rodoviária, mas o fluxo de carros não está ocorrendo normalmente. Não se trata de revista. As pessoas estão sendo impedidas de se locomover com seus veículos." Por volta de meia-noite, eu e D. Heriberto, Bispo do Tocantins, dirigimo-nos até Eunápolis. Verificamos na estrada pelo menos duas barreiras, onde muitos carros e muitas pessoas estavam simplesmente impedidos de chegar a Porto Seguro e a Coroa Vermelha. Ninguém podia chegar. Com dificuldade e com muita justificativa, conseguia-se sair.

Chegando a Eunápolis, havia mais ou menos quarenta ônibus. Oitocentas pessoas estavam ali humilhadas, sem condições de chegar ao seu destino. Entre essas pessoas estavam também os sem-terra. É bom que se esclareça que os sem-terra não chegaram a Coroa Vermelha nem a Porto Seguro, como disseram o Comandante Wellington Müller, o Comandante Santana e o Presidente Fernando Henrique Cardoso, ao anunciarem que os sem-terra estavam ali para fazer algum tipo de provocação às festas oficiais. Eles sequer passaram de Eunápolis! Ficaram lá confinados por uma barreira policial muito forte.

Chegando lá, eu e D. Heriberto, juntamente com um Deputado Estadual do PT, da Bahia, conversamos com os manifestantes, dizendo que até aquele momento, graças a Deus, todas as provocações, todos os achques e todo tipo de agressão haviam sido feitos do lado de lá, dos 500 anos oficiais. Da parte dos outros 500, não se tinha nenhum tipo de insulto, e era fundamental que mantivessem a mesma postura pacífica de não aceitar provocação.

Observamos a figura de algumas pessoas chamadas de P-2, espécie de polícia secreta da Polícia Militar, que afrontavam os policiais e chegavam a desacatar a mim e ao Bispo, dizendo: "É, vocês estão aí banhados, o que é que vão fazer? Nós queremos é passar". E incitavam as pessoas a ultrapassar a barreira policial. E nós dissemos a elas que os P-2 eram provocadores oficiais, cujo objetivo era levá-las a ter esse tipo de procedimento, para terem uma desculpa". Graças a Deus, ninguém assumiu as provocações.

Sugerimos aos manifestantes que, se não houvesse possibilidade de negociação para chegarem até Coroa Vermelha ou até Porto Seguro, seria melhor que eles comemorassem os outros 500 onde estivessem, de forma pacífica, para que pudéssemos mostrar a outra cara do Brasil onde quer que estivéssemos.

Após essa discussão, eu, D. Heriberto e os demais nos retiramos, e as pessoas foram dormir em seus ônibus. Quando íamos saindo, passando pela barreira policial, uma jovem me disse: "Senadora, existe uma criança dentro do ônibus que está com fome, mas os policiais não estão permitindo que a mãe vá até a rodoviária comprar leite".

Pedi esclarecimentos à pessoa responsável pelo Comando. Não sei se era tenente ou sargento, pois não sou muito ligada às hierarquias policiais; mas era o chefe daquele batalhão. Ele disse que, como a rodoviária não estava aberta, não havia como comprar leite. Respondi que, se ele me permitisse, eu iria verificar. Ele, então, disse que não precisava porque já havia permitido que uma moça voluntária passasse, comprasse o leite e levasse para a criança, que estava faminta.

Era uma demonstração da intolerância. Uma mãe sequer podia caminhar 300 metros, atravessar uma barreira policial e comprar uma mamadeira de leite. Foi preciso que um bispo, uma Senadora e uma comissão de frente pedissem ao comandante que autorizasse a passagem da mãe, e nós o fizemos.

Retornamos a Porto Seguro. Cheguei em Coroa Vermelha mais ou menos às quatro horas e trinta minutos da manhã. Por volta de sete horas e trinta minutos da manhã, um grupo de pessoas do CIMI e dos movimentos populares acordaram a mim e aos bispos dizendo que tínhamos de ir imediatamente à aldeia Pataxó, pois estava havendo um conflito entre manifestantes e policiais.

Deslocamo-nos às pressas para o local do conflito. Havia 120 pessoas presas por um cordão humano de policiais. O Comandante Wellington Müller – era a primeira vez que me dirigia à ele; antes eu havia falado com o Comandante Gilberto Santana –, que nos recebeu de uma forma pouco cortês, falava muito, falava o tempo todo, não ouvia absolutamente nada do que se dizia. Para terminarmos uma frase, era preciso fazer um mutirão. O José Dirceu começava, e ele falava, falava. Eu continuava de onde o José Dirceu havia parado, e ele falava, falava, falava. O Haroldo Lima continuava a frase, o bispo, o Presidente da Funai, e completávamos uma frase, e ele não conseguia ouvir absolutamente nada. Ficava com os lábios secos, salivava bastante e bebia água o tempo todo, porque falar e não ouvir daquele jeito deveria resultar naquele tipo de exacerbação.

Durante toda a manhã, até por volta de dez horas, ficamos no local da Funai, tentando negociar a saída das 120 pessoas presas – 110, pelo cordão policial, num canto da rua; e 10 jovens, no local em que se encontrava o destacamento da PM.

Com muito custo, convencemos o Comandante Wellington Müller de que, se ele tirasse aquelas pessoas dali de forma autoritária, num camburão, maltratando-as, poderia haver um conflito com os manifestantes que estavam pacificamente acompanhando, do lado, as pessoas

presas, sentadas no chão, com aquele cordão de policiais. Os presos não eram sem-terra. Eram jovens, manifestantes do movimento negro, funcionários públicos, pessoas que vieram das mais diferentes caravanas para os outros 500.

Convencemos o comandante de que as pessoas deveriam sair em um ônibus, de forma ordeira, com a presença dos procuradores da república e de alguns parlamentares, até Cabrália, para fazerem o registro na polícia e serem liberadas. Isso foi possível por volta do meio-dia. Aproximadamente às onze horas, fomos informados de que os índios tinham marchado da Assembléia Indígena para a Praça das Pitangueiras, que fica em Porto Seguro. A maioria dos manifestantes impedidos de se dirigir à Praça das Pitangueiras resolveu acompanhar a marcha dos índios – em torno de duas mil pessoas. Na Assembléia Indígena, estavam uns 2.500 índios, dos mais diferentes povos, das mais diferentes línguas.

A comissão de frente, o grupo que liderava a marcha indígena – uma das coisas mais bonitas que vi na vida – era formado por índios Urubu-Xavantes e Pataxós e outros índios também guerreiros, pintados, paramentados com arcos, flechas e bordunas. Eles vinham pacificamente, numa caminhada rápida, numa carreira. Lembrei-me do tempo em que cortava seringa com meu pai, quando era obrigada a andar 14 quilômetros por dia para acompanhar o passo dos Xavantes.

Ouvi alguns políticos e padres dizerem que o passo estava muito apressado, difícil de acompanhar. Mas, garbosamente, imponentemente, os índios caminhavam com a única certeza de que atravessariam a barreira policial. A certeza era tanta que confessavam entre si, com um tom de preocupação, que talvez nós não passássemos, mas que eles passariam, pois, como a festa comemorava os 500 anos do Brasil, o Governo não bateria nos índios. Eles acreditavam nisso, e, por algum momento, também acreditei, assim como José Dirceu, Haroldo Lima, Dom Heriberto, Dom Franco, Dom Tomás Balduino e pessoas do movimento negro.

Os índios garbosamente iam à frente. E os políticos não são muito de andar atrás. Gostam de andar à frente. Mas dessa vez os índios iam na comissão de frente, e nós, na comissão de fundo.

A maioria dos manifestantes populares, Presidente Fernando Henrique Cardoso, não eram sem-terra. Os sem-terra foram confinados em Eunápolis.

Estavam marchando jovens, negros, funcionários públicos, intelectuais e até alguns turistas que iam à margem da estrada. Andamos mais ou menos três quilômetros no passo dos Xavantes quando nos deparamos com o primeiro pelotão de choque. Eles apressaram o passo. Fiquei com medo porque não sabia o que aconteceria. O Comandante Wellington Müller havia dito que ninguém chegaria a Porto Seguro. Por tratar-se de um homem autoritário, poderia dar alguma ordem inesperada.

Imaginei que deixariam passar os índios, que estavam na frente, e que prenderiam os demais manifestantes, inclusive nós parlamentares. Mas estaria tudo bem se os índios pudessem passar. Os índios queriam ir à Praça das Pitangueiras não para vaiar o Presidente da República,

pois não tinham carro de som, corneta, absolutamente nada. Tudo tinha ficado preso. O que se poderia fazer a metros de distância das comemorações oficiais apenas com a voz? Nada.

Os índios queriam fazer um ritual, uma dança. Tinham certeza de que, 500 anos depois de um massacre, o Governo, com um Presidente da República sociólogo e uma Primeira-Dama antropóloga, não comemoraria apenas com o colonizador. Talvez houvesse espaço, ao menos na praça, para que os colonizados pudessem fazer seu ritual de passagem para os novos 500 anos. No entanto, isso não foi permitido. A primeira bomba de gás caiu bem próxima aos meus pés.

Alguém me empurrou no barranco, e caí na praia. Ouvi estampidos por todos os lados: eram bombas de borracha. Os urubu-xavantes, os pataxós, os kaingangues, os Kaiovás, os kaxinawás, todos eles guerreiros que faziam a comissão de frente passaram – mais ou menos 100 índios. E eles fecharam a passagem, covardemente. Os índios sentaram-se no chão, não desistiram.

Vi, então, o que é coragem, o que é dignidade. Muitos de nós, na primeira careta dos autoritários, saíam correndo. Mas eles não, eles não poderiam desonrar seus caciques; eles não poderiam envergonhar as mulheres nem os jovens; eles não se poderiam constituir em parte da vergonha do povo brasileiro que, 500 anos depois, os tratou pior que no primeiro contato. Foi pior porque, há 500 anos, a história estava acontecendo. Era a realidade empírica. Não havia reflexão, não havia sociólogo sofisticado, não havia antropóloga famosa fazendo teses, sínteses e antíteses sobre o massacre dos índios pelos colonizadores. Naquela época, não havia tudo isso, mas agora há toda uma reflexão.

A Igreja pediu perdão 500 anos depois; o Governo não. O Governo ratificou tudo o que havia feito e ainda fez pior. Fiquei envergonhada, triste, massacrada, junto com os índios. Doeu ver na praça os negros apanhando, os jovens sem sonho, o pelourinho acontecendo novamente na Bahia. Mas nada doeu mais que ver os xavantes, os guerreiros índios que acreditavam que dessa vez seriam tratados como gente, como pessoas. Eles acreditavam nisso, e confesso que também acreditei.

Não sei por quanto tempo, mas eram bombas e estampidos. Corremos pela praia. No meio da rua, vinha o pelotão de choque da PM do Coronel Wellington Müller; na praia, vinha a cavalaria pelas nossas costas.

Sempre me orgulhei de nunca ter usado minha carteira de Senadora em fila de absolutamente nada e para nada, até para descobrir quem são os que tratam bem a pessoa e os que tratam o título. Sempre me comportei como Marina, porque gosto de ser tratada como pessoa; mas, confesso a V. Ex^{as}, fui obrigada a mostrar minha carteira de Senadora o tempo todo, naquele dia.

Inicialmente, os índios nos tutelavam na manifestação. Uma demonstração das mais bela do mundo: quinhentos anos depois, os brancos seriam tutelados pelos índios. Mas isso não aconteceu. O sertão ainda não virou mar. A profecia do beato não se cumpriu. Se pelo menos os índios tivessem passado, o sertão teria virado mar por alguns minutos. Mas, o mar, para os índios, continuou em Porto Seguro. Os Antônio, os Fernandes, os Césares, os policiais estavam

comemorando, enquanto os índios apanhavam. Não quero lembrar aquele índio ajoelhado, um outro deitado, o negro, a imprensa já mostrou, mas é um desabafo.

O mundo civilizado de hoje convive com fóruns paralelos. Na época do Presidente Fernando Collor, houve a Eco-92, com a presença de centenas de Chefes de Estado. O que aconteceu? Por acaso, aquele desastrado Presidente reprimiu as Organizações Não-Governamentais, os índios, as pessoas que lá foram fazer um outro fórum? Não! Talvez não o tenha feito por não saber do que se tratava, mas não reprimiu.

E o Presidente Fernando Henrique Cardoso e o Governo da Bahia? S. Ex^{as} reprimiram o Fórum Paralelo dos 500 anos exatamente porque sabiam que ele significava que não estamos dizendo amém para o que aí está, para os 70 milhões de pobres, para os 15 milhões de jovens analfabetos, para a falta de demarcação das terras indígenas.

Queremos mostrar um outro Brasil. O Brasil por dentro, o Brasil de uma caravela que navega e que, um dia, chegará a um porto seguro. Não o porto seguro das oligarquias e das elites brasileiras; o porto seguro que os índios, os negros e os brancos, homens de boa vontade, hão de construir, apesar do autoritarismo, apesar dos coronéis Wellington Müller.

O Sr. Eduardo Suplicy (Bloco/PT – SP) – V. Ex^a me concede um aparte?

A SR^a MARINA SILVA (Bloco/PT – AC) – Concedo um aparte ao Senador Eduardo Suplicy.

O Sr. Eduardo Suplicy (Bloco/PT – SP) – Senadora Marina Silva, V. Ex^a relata, com extraordinária força, acontecimentos, dos dias 20 a 22 de abril, na comemoração dos 500 anos daqueles que estavam e estão no poder e dos destituídos de direitos em nosso País, os índios, os negros, os sem-terra. Por ocasião da homenagem ao Deputado Luís Eduardo Magalhães e ao Ministro Sérgio Motta, fiquei pensando: se estivessem vivos, não teriam eles recomendado mais entendimento do que os que hoje que estão no Palácio do Planalto? Talvez mais que o General Alberto Cardoso, titular do Gabinete da Segurança Institucional, que, segundo Jânio de Freitas, é a pessoa de maior poder no Palácio do Planalto e que, em verdade, tem grande influência junto ao Presidente Fernando Henrique Cardoso. Em outros tempos, essa influência era exercida ora pelo Ministro Sérgio Motta, ora pelo Presidente do Senado, Senador Antônio Carlos Magalhães.

O Presidente da Funai, que já cometeu uma impropriedade por ocasião do afastamento de Villas Boas, desta vez, tomou uma atitude digna. Diante dos fatos, o Carlos Frederico Mares de Souza Filho disse: "O que houve ali foi uma violação dos direitos humanos, do Direito Constitucional de ir e vir e o direito de manifestação, entre o outros. O rol dos direitos violados é muito grande". V. Ex^a, testemunha dos fatos, confirma a veracidade dessa manifestação do Presidente da Funai. Estranho a falta de compreensão do Governador do Estado da Bahia, que ordenou a repressão e, principalmente, do Palácio do Planalto, de seu Gabinete de Assuntos Institucionais, que comandou a operação, impedindo que os índios, os negros e os sem-terra manifestassem seu sentimento de indignação. Qual deveria ser a expectativa do Presidente Fernando Henrique Cardoso, um sociólogo? Por ocasião da comemoração dos 500 anos do descobrimento, Sua Excelência deveria perceber que seria justo essas pessoas, destituídas de

direito, espoliadas desde o início da História do Brasil, manifestarem, onde foi descoberto este País, seu sentimento de indignação.

Mas o Presidente Fernando Henrique Cardoso perdeu a oportunidade de um diálogo, tenso que fosse, olho no olho, sobretudo com aqueles que lembravam os outros 500 anos, e não os 500 anos oficiais dos copos de cristal mencionados por V. Ex^a. Senadora Marina Silva, o meu sentimento de inconformismo tomou conta de muitos brasileiros, quando lemos na imprensa de hoje o Ministro da Cultura, que foi Secretário-Geral do PT e um dos seus fundadores, também sociólogo, ao diagnosticar o que aconteceu – aqui descrito por V. Ex^a -, disse que foi como se os índios tivessem procedido como uma noiva que ao chegar à igreja resolvesse cuspir no chão.

Ora, será que o Ministro da Cultura, que sabe tão bem dos fatos da história brasileira, pensa que os índios estavam indo àquela cerimônia como se fossem a noiva vestida de branco, com direitos tão excepcionalmente iguais aos que detêm o poder, para simplesmente chegar e dizer que as coisas estavam indo muito bem? Seria impróprio o Ministro da Cultura perceber que aquelas pessoas estavam lá para dizer ao Brasil, ao Presidente Fernando Henrique Cardoso e ao mundo sobre o sentimento de alguém destituído de direito? Tivesse o Presidente da República sido assessorado pelo sociólogo Francisco Weffort, poderia o Ministro da Cultura dizer-lhe que aquela seria uma boa oportunidade para, depois de cinco anos e meio, Sua Excelência perceber o pouco que fez para transformar a realidade daqueles destituídos em nosso País. Cumprimento V. Ex^a. Sinto não ter podido estar lá, conforme eu pretendia.

Mas espero não perder outras oportunidades, porque nem sempre podemos estar presente em tudo. Cumprimento V. Ex^a, inclusive pelo esforço que fez, juntamente com o Deputado José Dirceu e outros companheiros do PT, para tentar chegar à melhor solução, que, infelizmente, não aconteceu, para que as comemorações dos 500 anos decorressem de uma maneira mais produtiva em relação ao que o Brasil precisa para construirmos uma Nação mais justa.

A SR^a MARINA SILVA (Bloco/PT – AC) – O General Cardoso disse algo que foi uma ironia com os índios. Os índios costumam se chamar de parentes. Ele disse que a polícia teria feito um bom trabalho na praia de Coroa Vermelha, onde cerca de 30 pessoas foram presas quando protestavam contra as comemorações. São dele estas palavras: "O clima é de aniversário do Brasil, mas, como em toda festa, sempre há parentes ressentidos". Quando falou em "parentes ressentidos", referia-se aos índios. Os índios costumam chamar de parentes pessoas de tribos diferentes e pessoas que eles respeitam. Eles não chamam de parentes aqueles pelos quais têm ressentimentos. Então, o General não pode chamar os índios de parentes no sentido que ele chamou aqui, porque, com certeza, os índios não são parentes do General Cardoso.

Uma outra coisa que V. Ex^a falou e que me entristeceu muito também – e eu, graças a Deus, me esforço muito para ter boa vontade para com os seres humanos –, confesso que me doeu muito a saída do sociólogo Francisco Weffort do Partido dos Trabalhadores; mas eu compreendi e aceitei. Mais do que sua saída, doeu muito a declaração que ele deu. É como se fosse uma festa em que a noiva, ou seja lá quem for, resolve cuspir, e a notícia passa a ser a cuspada. As índias, se o nosso Ministro não sabe – mas ele sabe, com a erudição que tem, ele sabe –, as índias, Ministro, nunca foram tratadas como noivas, elas foram estupradas, foram violentadas, e, em qualquer festa em que fossem convidadas, por um esposo que não era o seu,

tinham o direito legítimo de cuspir. Mas não era isso e não foi isso que foi feito. Os índios queriam ir à Praça das Pitangueiras fazer um belo ritual. E belo teria sido se o Presidente Cardoso tivesse entendido o sentido e a grandeza de tudo isso. Sei que, às vezes, é constrangedor, queremos que tudo saia às mil maravilhas e que tudo seja ótimo, mas o problema é que a realidade não é assim. Não tinha nenhum problema o Brasil mostrar a sua cara, mesmo que ninguém pagasse para mostrarmos o que somos. Ia ser tudo de graça, Presidente Fernando Henrique. Nem precisava do Centro de Convenções de R\$13 milhões, que foram gastos para os 500 anos, nem precisava do investimento na nau que o vento não levou, porque não havia um vento democrático. Bastava deixar os índios, os negros, os jovens, as pessoas fazerem uma caminhada de mais ou menos 20 quilômetros para chegarem à praça das Pitangueiras e assistirem ao ritual dos índios. Procedendo assim, muito desgaste e muita vergonha teriam sido evitados. Não me orgulho disso.

Quando ouvi a declaração do Presidente de que eu, o José Dirceu e o Lula...O Lula nem estava lá. Meu Deus, parece que tudo neste País tem que ser o Lula e o Movimento dos Sem-Terra. O Lula não estava lá. Para os desinformados que estavam lá do outro lado, na casa grande, bebendo cachaça em taças de cristais, o Lula não estava lá. Estávamos eu, o Deputado José Dirceu, o Deputado Haroldo Lima e Deputados Estaduais da Bahia, um do PT e a Deputada Alice, do PCdoB.

Fizemos de tudo, eu inclusive comecei a fazer bem antes, no dia 18. Não sei se os Srs. Senadores se lembram, mas enviei uma carta ao Governador da Bahia, César Borges, e também ao Presidente Fernando Henrique Cardoso lembrando que seria uma data muito simbólica, muito significativa e que, em sendo assim, merecia um tratamento adequado. Por que fiz isso? Porque não sou do tipo que fica torcendo por desgraças: tomara que a polícia baiana reprima os movimentos, tomara que tudo de mal aconteça, para que eu tenha motivo para vir à tribuna e proferir um discurso contra o Governo, contra o Papa, contra Deus. Não! Sempre procuro agir no sentido da prevenção. Eu não queria que aqueles índios fossem humilhados como foram. Eu não queria que ninguém tivesse se machucado, como alguém machucou o pé gravemente e foi medicado, outros tiveram ferimentos leves, enfim, várias pessoas ficaram machucadas. Foi uma correria, um tumulto, um desconforto. Eu não queria que nada disso tivesse acontecido, mesmo que hoje eu estivesse aqui anonimamente, sem precisar falar absolutamente nada. Aliás, fui, repito, apenas para registrar a assembléia indígena e para fazer um relato das propostas dos índios. Pretendia retornar na madrugada do dia 22 de abril, pois não estava esperando a desgraça anunciada da nossa democracia, da nossa capacidade de viver com a indiferença. Quem deu a melhor resposta não fomos nós, da Oposição, mas o ex-Presidente português Mário Soares. Vejam só o que disse:

Se os índios, se os dois Presidentes tivessem ido aos índios, a questão não teria tomado o caráter que tomou. Manifestações são normais em regimes democráticos. Só acharíamos um fenômeno desagradável, se fôssemos autoritários.

Essa foi uma excelente resposta de um estadista, de um democrata, de um homem que não esqueceu o seu compromisso com a justiça social e com a democracia.

As palavras do Presidente Jorge Sampaio, de Portugal, também foram significativas: "Quem, como eu, já conspirou contra a ditadura e também já jogou pedras na polícia e tem honra disso..." , ou seja, ele queria dizer o seguinte: eu, que já fiz tudo isso e sinto-me honrado de ter enfrentado a polícia, como pude participar de um banquete em que, do outro lado, jogavam-se pedras, bombas, balas de borracha, agredindo os índios?

Ora, se somos democráticos e democratas, não temos que considerar estranho ou anormal nenhuma manifestação. Esquisito, anormal seria se um país com as desigualdades do Brasil e com a nossa história comemorasse seus 500 anos como se fosse realmente uma democracia racial, como se aqui fosse uma maravilha. Nesse caso, sim, seria muito estranho. Lamentavelmente, essas palavras vieram do ex-Presidente e do Presidente de Portugal que, com certeza, se sentiram constrangidos naquela festa. Aliás, festa para a qual o povo de Porto Seguro não foi convidado. A grande frustração é que foi uma festa fechada, com convidados muito, muito vips, e a população assistindo à festa dos 500 anos. Eu lamento muito! Sempre digo que tenho muito boa vontade em acreditar nas pessoas, e é por isso que coletei as assinaturas de 25 Srs. Senadores, inclusive da base do próprio Governo. Devo reconhecer que vários Srs. Senadores, com toda a dignidade, mesmo sendo da base de apoio do Governo, querendo evitar esse desgaste todo, assinaram a carta de admoestação ao Presidente e ao Governador da Bahia. Não adiantou absolutamente nada. Devo registrar que, na mesma tarde em que coletei as assinaturas, o Presidente do Congresso Nacional, Senador Antonio Carlos Magalhães, imediatamente mandou a correspondência para o Presidente Fernando Henrique Cardoso e para o Governador da Bahia. Talvez a correspondência com as assinaturas de 25 Srs. Senadores não importasse muito para quem já tinha a determinação de fazer uma festa rococó, com muito enfeite e pouco conteúdo, tanto de símbolo quanto de história do povo sofrido deste País.

O Sr. Sebastião Rocha (Bloco/PDT – AP) – V. Ex^a permite um aparte?

A SR^a MARINA SILVA (Bloco/PT – AC) – Concedo o aparte ao nobre Senador Sebastião Rocha.

O Sr. Sebastião Rocha (Bloco/PDT - AP) – Senadora Marina Silva, pode até parecer contradição, mas eu quero começar mencionando que me alegro muito com o pronunciamento de V. Ex^a. Pode ser mais uma contradição neste imenso Brasil de profundas contradições com que deparamos no dia-a-dia. Não querendo fazer qualquer apologia ao masoquismo, porque V. Ex^a retrata, desta tribuna, na tarde de hoje, a cruel realidade em que vivem ainda as minorias no nosso País. Mas me alegra que, no seu discurso, V. Ex^a, com tanta veemência e eloquência, traga de forma tão real para nós, do Senado, e para aqueles que têm oportunidade de nos ouvir essa cruel realidade e os fatos tal como se deram na Bahia, na passagem das datas comemorativas dos 500 anos do Brasil. Alegra-me, principalmente, por ser V. Ex^a uma voz respeitada não apenas no Brasil, mas internacionalmente, como defensora das minorias. É exatamente o que V. Ex^a faz hoje com muita competência e equilíbrio, embora o que se veja seja esse retrato de mágoa, de sofrimento, de ressentimento, de indignação. V. Ex^a faz também, com muita competência e eloquência, o relato dos episódios que poderiam ter sido evitados, retratando a cruel realidade dos muitos brasis, principalmente do Brasil mais rico e do mais pobre, do Brasil mais privilegiado e daquele sem privilégio algum. V. Ex^a dá eco às angústias dos negros, dos índios, dos sem-terra, de inúmeras outras pessoas, como os jovens que V. Ex^a menciona que estiveram em Coroa Vermelha, tentando chegar a Porto Seguro e foram impedidos. Eu ia citar exatamente as palavras do ex-Presidente Mário Soares no meu aparte, mas V. Ex^a já fez menção.

Nós, brasileiros, temos a mania de fazer chacotas e piadas com os portugueses, mas devo dizer que as autoridades portuguesas realmente pronunciaram as palavras mais sábias. Apesar de duras, foram ditas com diplomacia, gesto que faltou às atividades do Governo que estavam com a responsabilidade de garantir manifestações democráticas também nas comemorações oficiais. Lógico que se o Presidente da República, com a sua assessoria, tivesse decidido incluir os índios e os negros, incluí-los de forma legítima no conteúdo das comemorações, esses episódios dramáticos e tristes que mais uma vez enlamearam o nosso País na imprensa nacional não teriam ocorrido. Nesse caso, todos aqui estaríamos saudando de alegria e de felicidade a convivência harmônica, democrática e pacífica entre aqueles que sempre foram perseguidos e os que estão do lado das elites nacionais.

O pronunciamento de V. Ex.^a é exatamente a demonstração, mais uma vez, daquilo que representa nesta Casa: a voz de milhões de pessoas excluídas por este Brasil afora, a voz dos negros e dos índios, principalmente. Por isso, iniciei o meu discurso dizendo que me alegro de ver que nesta Casa há pessoas capazes de se indignarem de verdade, pessoas que vivem os dramas do brasileiro mais simples e mais humilde como V. Ex.^a, que viveu, lado a lado, com os índios e com os negros durante o processo de impedimento das manifestações democráticas. Infelizmente, assim como o Senador Eduardo Suplicy, não pude estar presente, mas louvo a iniciativa de V. Ex.^a. O destino lhe garantiu a oportunidade de estar lá para, mais uma vez, trazer à Nação brasileira e ao mundo, os fatos tais como se deram. Lamentavelmente, quero discordar do Presidente Fernando Henrique Cardoso, que tentou ser diplomático, mas acabou ofendendo o Lula, que ali não esteve, mas principalmente os políticos. E como falou de forma genérica, deixou a impressão que, de repente, podem ser os Senadores da Bahia, o Governador ou outras autoridades da Bahia que estavam com a responsabilidade de conduzir os eventos, as manifestações e as celebrações. Mas, na verdade, estava se referindo a V. Ex.^a, ao Deputado José Dirceu e a alguns outros Deputados que estavam junto da parcela excluída da sociedade e tentava responsabilizar esses políticos que estavam ao lado dos índios e dos negros pelos fatos que denigrem a imagem do Brasil pelo mundo afora, os fatos autoritários, não-democráticos ocorridos na Bahia. Foi infeliz o Presidente da República, que poderia ter sido direto e dito que foram os políticos da Oposição, mas deixou um pouco em nuances. Fiquei pensando, no começo, que estava responsabilizando os políticos do lado do próprio Governo, mas, na verdade, estava querendo culpar os políticos de Oposição pelas ocorrências de Coroa Vermelha, de Porto Seguro. De fato, não foi feliz o Presidente, não foi correto ao fazer essa afirmação. Muito obrigado, Senadora Marina Silva, e parabéns pelo pronunciamento de V. Ex.^a.

A SR.^a MARINA SILVA (Bloco/PT – AC) – Como eu disse, Senador Sebastião Rocha, incorporo o aparte de V. Ex.^a a este meu pronunciamento.

Senti-me na obrigação de fazer esse relato porque a versão dos fatos pelo discurso oficial é uma afronta às pessoas que viveram a realidade de Coroa Vermelha e Porto Seguro. Dizer que não fizemos nada para conter a violência é uma mentira! Quem podia conter a violência era quem tinha poder de mando nos policiais, que, o tempo todo, diziam: "Senadora, estamos obedecendo a ordens superiores!" E não diziam de quem, de qual entidade. De Deus sei que não era! Com certeza, do Comandante Wellington Müller, do Comandante Gilberto Santana e da Guarda, da Segurança institucional do Presidente Fernando Henrique Cardoso, que entregou a

sua segurança ao Governo da Bahia. É claro que tem todas as críticas a fazer à Polícia da Bahia e ao que ocorreu lá, mas o Presidente Fernando Henrique Cardoso fez como Pôncio Pilatos: "Lavo minhas mãos com a segurança"! Aliás, foi na Semana Santa, foi um quadro típico de Semana Santa, lavou as mãos e entregou a segurança total nas mãos do Comandante Wellington Müller.

A determinação era de que não haveria manifestação, porque não havia uma compreensão do sentido democrático da celebração. Não haveria problema algum, agressão alguma, a festa oficial não seria atrapalhada. A única coisa que os manifestantes queriam era que não atrapalhassem a festa dos sem-terra, dos negros, dos índios, dos sem-teto, dos sem-trabalho, dos intelectuais, das pessoas que queriam mostrar uma outra realidade desses 500 anos do Brasil, os outros 500.

Na Conferência de Beijin, tivemos o fórum oficial e o fórum paralelo. Em Istambul, tínhamos o Habitat 1 e o fórum paralelo. Em tudo quanto é canto, há um fórum paralelo. Repito, até à época do Collor – isso me incomoda – tivemos um fórum paralelo. No Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, não foi possível o fórum paralelo dos outros 500. Isso é um vexame imperdoável para um sociólogo que deu uma série de contribuições, do ponto de vista das suas teorias, para a América Latina e para o nosso País. É claro que dizem que Sua Excelência pediu para esquecerem o que havia dito. Agora, realmente, não sei. Se não disse, pelo menos, do ponto de vista da prática, creio que realmente esqueceu, porque o que aconteceu em Coroa Vermelha foi algo imperdoável, muito sofrido.

Quando terminou, eram mais ou menos quatro horas. Mais de cem pessoas foram presas no Hotel Dicino. Entre duas horas e trinta minutos e três horas, chegaram a Senadora Heloisa Helena, o Deputado Jaques Wagner e outros Parlamentares, que começaram a nos ajudar, porque eu, o José Dirceu e o Haroldo Lima estávamos exaustos. O tempo todo, das sete horas da manhã até quase cinco, seis horas da tarde, ficamos segurando a situação - no bom sentido.

E quero fazer um registro também, porque não gosto de generalizar: vi muitos policiais constrangidos, policiais, como pessoas, que recebiam ordens, obedeciam aos comandos, mas havia pessoas constrangidas. Eu me lembro que quando alguns jovens foram presos, mais ou menos dez na faixa de 18 a 20 anos, um pediu que eu dissesse a José Dirceu que comprasse um bolo para eles porque era aniversário dele. E começaram a cantar parabéns. Estavam presos, humilhados, sentados no chão, nem podiam se manifestar. A beleza da juventude é que ela sonha e acredita que tudo termina bem. Quando os jovens foram levados, conversei com a pessoa responsável, um senhor forte, acredito que sargento, e disse-lhe que cuidasse bem dos "nossos filhos". Ele apertou com força minha mão e disse que eu poderia ficar tranqüila, pois um daqueles jovens poderia ser filho dele. Fiquei feliz com a dignidade daquele policial. É como se dissesse que não é um dos que machucam jovens à toa.

Posteriormente, perguntei a alguns missionários como estavam os índios que foram confinados no local da assembléia indígena. Responderam-me que após marcharam de cabeça baixa, não olhavam para a direita nem para a esquerda, nem mesmo quando eram aplaudidos; olhavam para frente, mais ou menos um metro adiante do pé, como se não quisessem ver onde pisariam ao dar o próximo passo; realizaram rituais, rasgaram as roupas e cantaram músicas em suas línguas. Dizem que o Comandante Wellington Müller havia chamado a polícia indígena e

dito a ela que estava proibida a nossa entrada, bem como a dos fotógrafos ou de qualquer outra pessoa. Senti muita vontade de entrar e dizer algo aos índios, nem que fosse para pedir desculpas, não pelo que o Presidente Fernando Henrique Cardoso e a polícia da Bahia fizeram – nada disso –, mas como ser humano. Nossa vida está muito pobre, muito sem sentido. Perdemos uma grande oportunidade de nos tornarmos um pouquinho melhores. Infelizmente, ainda não o fiz. Gostaria de ter ido até lá para dizer isso, mas não consegui. Quando voltei para o hotel não consegui dormir, via, como em um filme, os Xavantes voltando de cabeça baixa, os jovens protegendo os mais velhos, dizendo que estavam envergonhados e que não queriam conversar. Foi digna a posição do Dr. Carlos Frederico Marés, que ficou o tempo todo ao lado dos índios e enfrentou a polícia. Fiquei feliz por saber que existe um homem público com aquela dignidade. Qualquer outro ficaria do outro lado prestando algum serviço aos "senhores de engenho" para manter o cargo. S. S^a ficou ao lado dos índios. Soube de uma declaração do ministro dizendo que não houve lealdade para com o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Houve lealdade para com o Governo brasileiro e suas instituições, com a função para a qual é pago pelo povo brasileiro e para com os índios. Se os governantes de plantão estavam errados, S. S^a tinha que ficar ao lado dos índios. Parabenizo o Dr. Carlos Frederico Marés, que saiu de cabeça erguida.

Durante à noite, não conseguindo dormir, cheguei a rezar. Pedi a Deus que me perdoasse por estar com tanta raiva de tudo o que havia acontecido: do Governo da Bahia, do Presidente Fernando Henrique Cardoso, do Senador Antônio Carlos Magalhães, com quem me relaciono muito bem no Senado Federal. No entanto, não conseguia parar de pensar no que havia acontecido. Quando estava rezando, pedindo a Deus que me desse calma, aconteceu ali: eu estava rezando, pedindo a Deus que me desse calma para que eu conseguisse dormir e me veio a lembrança a frase que Jesus disse quando foi crucificado: Pai, perdoa, porque eles não sabem o que fazem. Pensei nessa passagem, tentei encaixar o Presidente Fernando Henrique, o Governador da Bahia, o Comandante Müller nessa frase que o Senhor Jesus disse, no sábado de Aleluia, quando Ele já havia ressuscitado. Mas não, eles não se enquadravam nessa frase porque sabiam exatamente o que faziam, e eu não podia mentir nas minhas orações para o meu Deus. Se aqueles que crucificaram Jesus foram considerados por Ele como inocentes daquela ação, o sociólogo sabia o que fazia, o Ministro Weffort, todos sabiam o que diziam, todos sabiam o que faziam.

É preciso acreditar no ser humano para continuar buscando algum veio de respeito à dignidade humana após o que aconteceu com essas pessoas que, lamentavelmente, renunciaram ao que disseram. Tiveram a oportunidade histórica de fazer muita coisa boa e não fizeram. Qualquer outro poderia, dirigindo a Nação, ao comemorar os 500 anos do Brasil. Oh! que privilégio ser Presidente da República num momento como esse. Mas, lamentavelmente, ainda não foi dessa vez que a nossa oligarquia se constituiu numa elite dirigente, numa elite pensante; ainda permanece retrógrada, ainda é uma oligarquia da casa grande, que pisa e chicoteia a senzala no Pelourinho da Bahia.